

TRANSVERSALIDADE DO CAMPO DA INFORMAÇÃO NOS ENCONTROS DE ARQUIVISTAS, BIBLIOTECÁRIOS E MUSEÓLOGOS

ANGELICA ALVES DA CUNHA MARQUES*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Temas de eventos e objetos de pesquisas científicas, a interdisciplinaridade e suas variações — multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade, etc. — são termos utilizados diversa e indistintamente. Entretanto, para os sociólogos da ciência, os diferentes graus de interação e as possibilidades de reciprocidade teórica entre as disciplinas definem esses termos. Em 1972, é compilada, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), uma importante obra sobre o assunto — *L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et de recherche dans les universités* —, resultante das discussões e reflexões de vários estudiosos, num encontro organizado pelo Centre pour la Recherche et l'Innovation dans l'Enseignement (CERI), em parceria com o Ministère Français de l'Education Nationale, que aconteceu em Nice (França), em setembro de 1970.

Em linhas gerais, a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade ocorrem quando conhecimentos disciplinares distintos são utilizados para um propósito, sem trocas teóricas. Cada disciplina colabora com a sua metodologia para a solução de um problema. Quando há reciprocidade teórica entre disciplinas, dá-se a interdisciplinaridade, que pode culminar na transdisciplinaridade: a concepção de outra disciplina, com identidade teórica própria, diversa daquelas que inicialmente se uniram com um objetivo comum (CERI 1972).

A delimitação dessas relações não é simples e não pode ser banalizada: uma disciplina não pode ser interdisciplinar em si, pois a interdisciplinaridade pressupõe intercâmbios teóricos entre disciplinas (Berger 1972; Jantsch 1972; Japiassu 1976; Piaget 1972; Pombo, Guimarães e Levy 1994). Por séculos, os fazeres nos arquivos, nas bibliotecas e nos museus foram desempenhados indiferentemente por profissionais de várias áreas que, ao interagirem, contribuíram para a constituição de fazeres e saberes (Silva et al. 1999) que, paulatinamente, delinearão as disciplinas que constituem o que entendemos, em nossa pesquisa, por campo da informação. Hoje, observa-se as especificidades desses espaços, assim como a identidade da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, e dos profissionais nelas formados (Marques 2007, 2011).

* Universidade de Brasília (UnB); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4642-5912>; Email: angelicacunha@unb.br.

Este trabalho objetiva apresentar a constituição do campo da informação a partir dos marcos históricos das práticas e dos pensamentos das cinco disciplinas que o compõem, pelo menos no Brasil. Fruto de uma tese de doutorado (Marques 2011), fundamenta-se na noção de campo científico de Bourdieu (1983, 2001) e se desenvolve por meio de uma pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica, conforme doravante relatado.

1. A DISCIPLINA E O ENTRE DISCIPLINAS

A definição de disciplina, no espaço acadêmico, «emerge de um contrato histórico entre o desenvolvimento da ciência e a história das universidades, que nas suas origens iniciaram o processo de constituição formal das disciplinas que edificaram os programas nos quais os conhecimentos científicos estão organizados» (Gomes 2001). Nesse espaço, a especialização culmina na fragmentação do conhecimento (Japiassu 1976; Morin 2005), que acaba por não se sustentar, passando por reestruturação na «formulação e reformulação contínua do atual corpo de conhecimentos sobre o domínio em questão» (Heckhausen 1972, p. 83, tradução nossa). As fronteiras tradicionais entre os saberes são, então, reduzidas e a pluralidade disciplinar ganha espaço (Gomes 2001).

Na história da ciência, as rupturas dessas fronteiras ocorrem quando o tratamento de um objeto conduz ao aparecimento de um projeto interdisciplinar, através do qual as disciplinas envolvidas intercambiam informações, noções, conceituações e teorias, alcançando um esquema cooperativo, a partir do qual não apenas os agentes envolvidos diretamente na execução desses projetos tornam-se especialistas com múltiplas competências, como, também, as próprias gramáticas dessas disciplinas são alteradas, interferindo na formação dos futuros especialistas (Gomes 2001).

Alguns autores, como Heckhausen (1972) e Geertz (cit. por Gomes 2001) distinguem as definições de disciplina curricular e de disciplina científica. Embora a Arquivologia tenha sido uma disciplina curricular por muito tempo, no âmbito de outros cursos (principalmente de Biblioteconomia e História), em nossa pesquisa (Marques 2007; Marques 2011), a contemplamos de acordo com as abordagens apresentadas por Berger (1972), Boisot (1972), Bourdieu (2001), Boutier, Passeron e Revel (2006), Heckhausen (1972), Morin (2005) e Palmade (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994), alinhadas em torno da conjugação do objeto e dos métodos que singularizam uma disciplina científica.

Desses autores, destacamos dois: Heckhausen (1972) e Bourdieu (2001). O primeiro indica sete critérios para caracterizar a natureza de uma disciplina e distingui-la de outras, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Critérios para caracterização da natureza de uma disciplina

Critério	Definição
Domínio material	Conjunto dos objetos, no sentido comum do termo, sob os quais se assenta uma disciplina.
Domínio de estudo	Muitos subconjuntos, visivelmente circunscritos, de fenômenos relevantes de um mesmo domínio material.
Nível de integração teórica	O tipo de categoria, na qual pertencem os fenômenos observáveis relevantes de um domínio de estudo.
Métodos	Toda disciplina elabora seus métodos particulares, a fim de entender os fenômenos observáveis que se destacam no seu domínio de estudo ou para transformar esses fenômenos em informações mais adaptadas ao problema estudado.
Instrumentos de análise	Estratégias lógicas, raciocínios matemáticos e construção de modelos de processos complexos de retroação.
Aplicações práticas	As disciplinas diferem, consideravelmente, quanto à sua possibilidade de aplicação e de utilização prática nos domínios de atividade profissional. Em regra geral, as disciplinas orientadas para aplicações práticas e para domínios de atividades profissionais bem estabelecidas são mais ecléticas que puras, na concepção epistemológica que elas têm de seu valor como ciências. A obrigação de encontrar aplicações práticas tem uma considerável influência na organização da sua estrutura, de suas atividades de pesquisa e de seus programas nas universidades. As disciplinas estreitamente ligadas à prática profissional se caracterizam por um «atraso científico» considerável entre o exercício da profissão (e mesmo o ensino pluridisciplinar da universidade) e o atual estado da pesquisa pura no domínio de estudo correspondente.
Contingências históricas das disciplinas	Cada disciplina é fruto de uma evolução histórica e se encontra, a todo momento, numa fase de transição. Algumas disciplinas evoluem e se modificam mais rapidamente, enquanto outras parecem esgotar todas as suas possibilidades de evolução. As contingências históricas que aceleram ou freiam o desenvolvimento e o progresso de uma disciplina não são todas devidas à lógica interna do domínio de estudo explorado pelos homens de ciência qualificados. As disciplinas são, igualmente, submissas às forças externas, em constante evolução, tais como o prestígio do acordo da opinião pública, os valores sociais e culturais, as ideologias políticas e as condições econômicas. Essas forças exógenas não determinam somente os recursos materiais, como também criam um clima, mais ou menos propício ao seu desenvolvimento. Enfim, as contingências externas se conjugam por modelar a mentalidade dos homens da ciência, orientando seus gostos em matéria de pesquisa e suas preocupações teóricas.

Fonte: Elaboração própria, com base em Heckhausen (1972, pp. 83-87, tradução nossa)

Bourdieu, por sua vez, contempla três níveis do trabalho científico: a disciplina, o subcampo e a especialidade, tomados como sinônimos. Ele explica que: «Cada disciplina (como campo) é definida por um nomos [lógica] particular de visão e de divisão, um princípio de construção da realidade objetiva irredutível àquele de uma outra disciplina» (Bourdieu 2001, p. 103, tradução nossa). Para o autor, a disciplina é um campo relativamente estável e delimitado e, portanto, em princípio fácil de identificar: ela tem um

nome reconhecido escolar e socialmente; ela está vinculada a instituições e laboratórios, a departamentos universitários, a revistas, a instâncias nacionais e internacionais (congressos), a procedimentos de certificação de competências, de sistemas de retribuição, de preços.

Nesse sentido, ele aponta que a noção de campo científico se refere, simultaneamente, à unidade existente na ciência e as diversas posições que as diferentes disciplinas ocupam no espaço, isto é, sua hierarquização. O que acontece no campo depende dessas posições e este pode ser descrito como um conjunto de campos locais (disciplinas), que têm em comum interesses e princípios mínimos.

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (Bourdieu 1983, pp. 122-123).

Conforme apresentamos na próxima seção, acreditamos, com base nesse autor, que as disciplinas que têm por objeto a informação constituem um campo comum, espaço de parcerias, mas também de conflitos, forças e lutas.

Parece-nos, portanto, incoerente delimitar um campo científico, pensando apenas na disciplinaridade, pois uma disciplina visita e é visitada por outras e, ao estabelecer diálogos, se apropria e, muitas vezes, ressignifica noções e conceitos diversos. Os diferentes graus dessas (re)apropriações podem ser traduzidos em intensidades de integração distintas entre diferentes disciplinas, como aponta Pombo, Guimarães e Levy (1994). Esses autores propõem dez categorias de análise para tipificar as diferentes situações de ensino integrado, dentre as quais destacamos a intensidade da integração, que diz respeito ao grau de interação entre as várias disciplinas envolvidas, conforme sintetizado na Tabela 2.

Tabela 2. Classificação dos níveis de intensidade de integração entre disciplinas

Definição	Intensidade	Forma de integração
Pluridisciplinaridade	fraca	coordenação
Interdisciplinaridade	crecente	combinação
Transdisciplinaridade	elevada	fusão

Fonte: Elaboração própria, com base em Pombo, Guimarães e Levy (1994)

Eles pontuam que diversos conceitos são construídos com base na «diferente prefixação da palavra disciplinaridade. Nesse sentido, a etimologia do prefixo “inter” poderia explicar a [...] centralidade e carácter intermédio do conceito de interdisciplinaridade» (Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 12). Em suas reflexões no âmbito do ensino/aprendizagem, partem de dois consensos propostos por estudiosos da área: 1) as distinções triádicas, que se referem às diferenças entre o conceito de interdisciplinaridade e os conceitos de pluridisciplinaridade e de transdisciplinaridade; 2) e uma posição intermediária ou intervalar, que considera a interdisciplinaridade mais que a pluridisciplinaridade e menos que a transdisciplinaridade. Ainda salientam que, «enquanto conceitos caracterizadores de diversificadas práticas de ensino, devem ser entendidos como momentos de um mesmo contínuo: o processo contínuo de integração disciplinar» (Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 11, grifo dos autores).

Essas modalidades são, comumente, denominadas de interdisciplinaridade, sem distinção das suas definições. Entretanto, há que se atentar para as suas especificidades, segundo estudos da Sociologia da Ciência.

Ainda que não existam consensos, a multi e a pluridisciplinaridade são definidas de formas próximas ou comuns (Tabela 3). Quanto à multidisciplinaridade, Berger (1972, p. 23, tradução nossa) fala de uma «justaposição de disciplinas diversas», que parece aproximar-se da concepção de Japiassu (1976) para esse termo e daquela proposta por Michaud (1972), para a pluridisciplinaridade. Palmade (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994) afirma que a multidisciplinaridade aponta para um «simples intercâmbio de idéias», enquanto Piaget (1972), tendo em vista a solução de problemas práticos, considera a contribuição de várias disciplinas, sem alterá-las ou enriquecê-las. Essa concepção parece se confundir com as definições de pluridisciplinaridade de Dellatre, Gusdorf e Resweber — os três autores mencionados na obra de Pombo, Guimarães e Levy (1994).

Tabela 3. Definições de multidisciplinaridade

Autor	Definição
Berger	Justaposição de disciplinas diversas, às vezes sem relação aparente entre si. Ex.: música + matemática + história (Berger 1972, p. 23, tradução nossa).
Japiassu	O termo <i>multidisciplinar</i> evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar, necessariamente, um trabalho de equipe e coordenado. Quando nos situamos no nível do simples multidisciplinar, a solução de um problema só exige informações tomadas de empréstimo a duas ou mais especialidades ou setores de conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuírem por aquela que as utiliza, sejam modificadas ou enriquecidas (Japiassu 1976, pp. 72-73).
Palmade	A multidisciplinaridade orienta-se para a interdisciplinaridade quando as relações de interdependência entre as disciplinas emergem. Passa-se então do simples «intercâmbio de idéias» a uma cooperação e a uma certa compenetração das disciplinas (Palmade cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 95).

(continua na página seguinte)

Autor	Definição
Piaget	Quando a solução de um problema requer a obtenção de informações relacionadas a uma ou mais ciências ou setores do conhecimento, sem que as disciplinas que são convocadas por aqueles que as utilizam sejam alteradas ou enriquecidas por isso (Piaget 1972, p. 141, tradução nossa).

Fonte: Marques (2007, p. 65)

A pluridisciplinaridade ainda é concebida como: «justaposição de disciplinas, mais ou menos vizinhas» (Berger 1972, p. 23, tradução nossa); relação de cooperação entre disciplinas, mas sem coordenação (Japiassu 1976), ou sem integração conceitual interna entre elas (Palmade cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994); como qualquer tipo de associação, que suponha coordenação entre professores, no escopo do ensino (Pombo, Guimarães e Levy 1994); a «colaboração, em equipe, de especialistas de diversas disciplinas» (Thom cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 96), conforme a Tabela 4.

Tabela 4. Definições de pluridisciplinaridade

Autor	Definição
Berger	Justaposição de disciplinas, mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento. Ex.: domínio científico: matemática + física, ou domínio das letras: francês + latim + grego (Berger 1972, p. 23, tradução nossa).
Dellatre	Simples associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar sensivelmente a sua própria visão de coisas e os métodos próprios (Dellatre cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 13).
Gusdorf	Justaposição de especialistas estranhos uns aos outros. Ponto de vista estritamente qualitativo e algo ingênuo. Consiste em reunir pessoas que nada têm em comum, cada qual falando sem escutar os outros, aos quais nada têm a dizer e dos quais nada querem ouvir (Gusdorf cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 96).
Michaud	Justaposição de duas ou mais disciplinas, sem que haja relação entre elas; ou melhor, é o encontro que pode permitir, ocasionalmente, empréstimos recíprocos (Michaud 1972, p. 295, tradução nossa).
Japiassu	O termo <i>pluridisciplinar</i> realiza apenas um agrupamento, intencional ou não, de certos «módulos disciplinares», com algumas relações entre as disciplinas e visando à construção de um sistema de um só nível e com objetivos distintos, mas dando margem a certa cooperação, embora excluindo toda coordenação (Japiassu 1976, p. 73).
Palmade	Cooperação de caráter metodológico e instrumental entre disciplinas e que não implica uma integração conceitual interna (Palmade cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 96).
Pombo, Guimarães e Levy	Qualquer tipo de associação mínima entre duas ou mais disciplinas, associação essa que, não exigindo alterações na forma e organização do ensino, supõe, contudo, algum esforço de coordenação entre os professores dessas disciplinas (Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 12).

(continua na página seguinte)

Autor	Definição
Resweber	Colocação, face a face, de diversas disciplinas, visando a análise de um mesmo objeto e sem implicar a elaboração de uma síntese (Resweber cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 96).
Thom	Colaboração, em equipe, de especialistas de diversas disciplinas (Thom cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 96).

Fonte: Marques (2007, p. 66)

A interdisciplinaridade, por sua vez, é definida de forma ampla, por alguns estudiosos que não apontam condições específicas para a sua existência, como é o caso de Berger (1972), Delattre (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994), Jantsch (1972), Marion (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994), Morin (2005), Pombo, Guimarães e Levy (1994), Piaget (1972), Resweber (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994) e Thom (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994). Outros já apontam para algumas características para defini-la: Japiassu, por exemplo, indica como condicionantes a «intensidade das trocas» e o «grau de integração real» de duas ou mais disciplinas na pesquisa (1976, p. 74); Pinheiro (1999) sugere uma reciprocidade de contribuições quanto a conceitos, princípios, técnicas, métodos e teorias; Follari (1982) se refere à necessidade de constituição de uma nova disciplina e Palmade (cit. por Pombo, Guimarães e Levy, 1994, p. 93) sugere uma «axiomática nova e comum» (Tabela 5).

Tabela 5. Definições de interdisciplinaridade

Autor	Definição
Japiassu	A interdisciplinaridade se caracteriza pela <i>intensidade das trocas</i> entre os especialistas e pelo <i>grau de integração real</i> das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa (Japiassu 1976, p. 74).
Pinheiro	Relações interdisciplinares são relações de troca teórica e metodológica e, para que tal ocorra, é imprescindível clareza para identificar, entre as disciplinas envolvidas, onde se dá o encontro ou a interseção de duas áreas do conhecimento (Pinheiro 1999, p. 164).
Gomes	A interdisciplinaridade só se concretiza a partir do diálogo concreto entre as disciplinas que pode ser constatado quando conceitos, teorias, métodos e campos de investigação migram, transitam nos vários sentidos das regiões fronteiriças (Gomes 2001).
Morin	A interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica (Morin 2005, p. 115).
Follari	A inter-relação orgânica dos conceitos de diversas disciplinas a ponto de constituir uma espécie de «nova unidade», que subsume em um nível superior, as contribuições de cada uma das disciplinas particulares (Follari 1982, p. 27, tradução nossa).

(continua na página seguinte)

Autor	Definição
Pombo, Guimarães e Levy	Qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum (Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 13).
Berger	Interação existente entre duas ou mais disciplinas: essa interação pode ir da simples comunicação de idéias até a integração mútua de conceitos diretores, da epistemologia, da terminologia, de procedimentos, de dados e da organização da pesquisa e do ensino correspondentes (Berger 1972, p. 23, tradução nossa).
Palmade	Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber (Palmade cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 93).
Jantsch	Princípio de organização que tende à coordenação, sob dois planos, dos termos, dos conceitos e das configurações disciplinares, característica de um sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos. O ponto importante, nessa concepção, é que, pelo estabelecimento de vínculos interdisciplinares entre esses níveis de organização, os conceitos, as estruturas e os objetivos das disciplinas científicas, definidos nesses níveis, as modificam. As disciplinas científicas são, portanto, coordenadas por uma axiomática comum – um ponto de vista ou um objetivo comum (Jantsch 1972, pp. 106-107, tradução nossa).
Piaget	Nível em que a colaboração entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz às interações propriamente ditas, ou seja, a uma certa reciprocidade de intercâmbios, de forma que exista um enriquecimento mútuo (Piaget 1972, p. 142, tradução nossa).
Marion	Cooperação de várias disciplinas científicas no exame de um mesmo e único objeto (Marion cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 93).
Thom	Transferência de problemática, conceitos e métodos de uma disciplina para outra (Thom cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 93).
Delattre	Tentativa de elaboração de um formalismo suficientemente geral e preciso que permita exprimir na única linguagem dos conceitos, as preocupações e as contribuições de um número considerável de disciplinas que, de outro modo, permaneceriam acantonados nos seus dialetos respectivos (Delattre cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 93).
Resweber	A interdisciplinaridade ultrapassa a pluridisciplinaridade porque vai mais longe na análise e confrontação das conclusões, porque procura a elaboração de uma síntese a nível de métodos, leis e aplicações, porque preconiza um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objeto de estudo se complexifica através dos diferentes métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematicidade e mútua relatividade (Resweber cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 93).

Fonte: Marques (2007, p. 62)

Sobre a transdisciplinaridade, parece haver concordância em torno da sua definição (Tabela 6): Berger (1972, p. 23, tradução nossa) menciona uma «axiomática comum a um conjunto de disciplinas»; Gusdorf (cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 97) fala de «transcendência» e de «objeto comum»; Jantsch (1972), Pombo, Guimarães e Levy (1994) se aproximam numa abordagem centrada no ensino, na qual a transdisciplinaridade seria o último grau de coordenação entre disciplinas, num sistema de níveis

e objetivos múltiplos; e Piaget (1972, p. 144, tradução nossa) faz alusão a um «sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas».

Tabela 6. Definições de transdisciplinaridade

Autor	Definição
Berger	Implementação de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas (Berger 1972, p. 23, tradução nossa).
Gusdorf	A transdisciplinaridade evoca uma perspectiva de transcendência que se aventura para além dos limites do saber propriamente dito, em direção a uma unidade de natureza escatológica. Se cada disciplina propõe um caminho de aproximação ao saber, se cada aproximação revela um aspecto da verdade global, a transdisciplinaridade aponta para um objeto comum, situado além do horizonte da investigação epistemológica, nesse ponto imaginário em que todas as paralelas acabam por se encontrar (Gusdorf cit. por Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 97).
Jantsch	O grau último de coordenação, suscetível de existir num sistema de ensino inovador e que depende, não apenas de uma axiomática comum, decorrente de uma coordenação que tem em vista um «objetivo de sistema global» — como, também, de um reforço mútuo das epistemologias próprias a certos domínios. Com a <i>transdisciplinaridade</i> , o conjunto do sistema de ensino inovado é coordenado num sistema de níveis e objetivos múltiplos (Jantsch 1972, p. 107, tradução nossa).
Piaget	Etapa superior às relações interdisciplinares, que contempla, além das interações e reciprocidades entre pesquisas especializadas, as relações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas (Piaget 1972, p. 144, tradução nossa).
Pombo, Guimarães e Levy	O nível máximo de integração disciplinar que seria possível alcançar num sistema de ensino. Trata-se da unificação de duas ou mais disciplinas, tendo por base a explicitação dos seus fundamentos comuns, a construção de uma linguagem comum, a identificação de estruturas e mecanismos comuns de compreensão do real, a formulação de uma visão unitária e sistemática de um setor mais ou menos alargado do saber (Pombo, Guimarães e Levy 1994, p. 13).

Fonte: Marques (2007, p. 67)

A partir dessas diferentes classificações das possíveis relações entre diferentes disciplinas, podemos vislumbrar o que Morin (2005, p. 106) denomina de um «olhar extra-disciplinar», de invasões e migrações interdisciplinares, de objetos e projetos inter-poli-transdisciplinares, de esquemas cognitivos reorganizadores a fim de tecer reflexões para além das disciplinas. Essas expressões se inserem no que ele chama de «espantosa variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências, quando rompem o isolamento entre as disciplinas» (Morin 2005, p. 112).

Importante salientar que acreditamos que, o que defendemos para a Arquivologia como hipótese da nossa dissertação (Marques 2007), se estende às demais disciplinas na sua institucionalização como disciplina: a configuração do campo científico corresponde à interação entre os seus campos disciplinar e extradisciplinar, isto é, dá-se pelo estabelecimento de limites (identidade) e fronteiras (alteridade) epistemológicas.

2. O CAMPO DA INFORMAÇÃO

Na pesquisa de doutorado (Marques 2011), estudamos as interlocuções entre as práticas e os pensamentos arquivísticos internacionais e os brasileiros a partir da nossa proposta de campo da informação, sob duas perspectivas complementares: a) das tendências históricas da Arquivologia internacional, das suas práticas ao seu delineamento científico nesse campo, ou seja, a sistematização e circulação do pensamento arquivístico no mundo, seus principais dispositivos de institucionalização; b) da trajetória da Museologia, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, disciplinas que compartilham os espaços do campo da informação com a Arquivologia no Brasil, mediante relações de parcerias e conflitos em torno de variações de um mesmo objeto.

Relevante explicar que o fizemos em referência às disciplinas que possuem vínculos institucionais estreitos no cenário brasileiro: Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, ainda que reconheçamos que outras disciplinas — como a Comunicação e a Ciência da Computação —, por compartilharem esses processos de produção, organização e disponibilização da informação, também poderiam ter sido estudadas no âmbito do campo da informação.

Levando-se em conta as limitações deste trabalho, não apresentamos os marcos das práticas e dos pensamentos das disciplinas que o compõem, individualmente — ainda que o entendamos como essencial para a compreensão da sua identidade. Optamos por fazê-lo considerando os paradigmas que perpassam o referido campo, no delineamento interativo de cada uma dessas disciplinas com aquelas situadas em seu entorno, conforme a Tabela 7.

Tabela 7. Paradigmas da Arquivologia, Museologia, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no campo da informação

Autor	Definição
Arquivologia	Foco inicial na organização e preservação física de documentos, tendo em vista a manutenção da memória; preocupação com o arquivo como instituição de guarda de documentos; preocupação com o aperfeiçoamento e compartilhamento de técnicas voltadas para a organização e disponibilização de documentos; preocupações recentes com seu desenvolvimento como disciplina científica e seus desdobramentos: formação profissional, produção de pesquisas, criação de cursos de graduação e pós-graduação, etc.
Museologia	Foco inicial no museu, como lugar de contemplação, estudo e pesquisa; foco nas coleções, como agrupamentos de relíquias ou peças exóticas; foco no museu como lugar de culto à memória; preocupações mais recentes relativas à multiplicidade dos tipos de museus derivados da diversidade étnica, cultural e social; preocupações da área com o seu desenvolvimento científico e formação profissional.

(continua na página seguinte)

Autor	Definição
Biblioteconomia	Foco inicial na biblioteca como espaço de estudo, contemplação e preservação da memória; preocupação em propiciar acesso aos documentos bibliográficos; proliferação de cursos para a formação de profissionais habilitados na organização e recuperação de documentos; desenvolvimento de pesquisas.
Documentação	Preocupações com o controle e classificação universal do conhecimento registrado; criação de instituições que propiciassem a transferência de informações entre cientistas e pesquisadores; compartilhamento de interesses e propostas com a Ciência da Informação.
Ciência da Informação	Volta-se para os processos que abarcam os movimentos da informação em um sistema de comunicação humana, abrindo os interesses da Documentação e indo ao encontro daqueles das demais disciplinas do campo da informação; preocupações com a recuperação da informação conforme as demandas dos usuários; busca da compreensão da informação em si mesma, inicialmente numa aproximação matemática e, mais recentemente, de acordo com o contexto social; produção de pesquisas, contemplando, inclusive, temáticas de outras disciplinas que lhe são próximas.

Fonte: Marques (2011, pp. 198-199)

Partindo desse quadro, podemos apreender os arquivos, as bibliotecas, os museus e, mais tarde, os centros de documentação e de informação, como lugares de memória, nas suas funções de guarda/custódia de documentos portadores de valores administrativos, jurídicos, legais, fiscais, históricos, culturais, educativos, científicos e patrimoniais.

Seus serviços e os fazeres dos profissionais que neles atuam passam por adequações, aperfeiçoamentos e inovações conforme as demandas administrativas e sociais sobre os documentos e as informações, que precisam ser organizados, preservados, recuperados e disponibilizados com vistas ao acesso físico, intelectual e legal (Taylor 1984), no reconhecimento de direitos, deveres e obrigações.

Ainda que estudadas apenas nos últimos séculos, essas demandas são milenares e acabaram por culminar na exigência de cursos de formação profissional que, inicialmente, eram oferecidos avulsamente e, gradativamente, passaram a sê-lo regularmente na formação de arquivistas, bibliotecários, museólogos, documentalistas e cientistas da informação, em diferentes níveis.

Além dos cursos, eventos, periódicos e pesquisas fomentam a formação supracitada, bem como a institucionalização das disciplinas cientificamente, atualizando e divulgando os conhecimentos elaborados e sedimentados por seus profissionais e estudiosos, em compasso com os avanços técnicos e tecnológicos de cada tempo.

Evidentemente, os paradigmas que visualizamos genericamente (e para fins didáticos), na Tabela 7, são contingenciais temporal e espacialmente, conformados às especifi-

idades de cada contexto histórico e político. Sabemos que, dadas as origens, a formação e a identidade de cada disciplina em cada país, as suas relações com outras disciplinas variam consideravelmente. Exemplo disso foi constatado em nossa pesquisa acerca da institucionalização da Arquivologia na França, que não possui relações estreitas com a Ciência da Informação como ocorre no Brasil, mas com a Comunicação e as Tecnologias da Informação (Marques 2021).

Dessa maneira, a nossa proposta de campo da informação decorre da observação da Arquivologia como disciplina científica no Brasil, inserida em um espaço maior, por nós entendido como:

o campo científico e profissional que abriga disciplinas que têm por objeto a gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação. Desse modo, defendemos que nesse campo estão entrecruzadas as trajetórias da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Documentação e, mais recentemente, da CI [Ciência da Informação], como (sub/inter)campos simultaneamente parceiros, cooperativos, conflitantes, relativamente comuns e singulares (Marques 2011, p. 76).

Esse espaço tem os seus limites e as suas fronteiras determinados pela dinâmica dos seus agentes — arquivistas, bibliotecários, museólogos, documentalistas e cientistas da informação —, segundo os processos de trabalho que orientam as suas práticas em torno da criação, produção, organização, comunicação e disponibilização de informações registradas em documentos de arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação e informação, segundo os princípios, os conceitos e a metodologia de cada disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do campo da informação no Brasil aponta para um campo científico e profissional que abriga disciplinas que têm por objeto a gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação, a partir de metodologias próprias da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Documentação e Ciência da Informação, e das suas interações. Historicamente, as suas trajetórias se entrecruzaram conforme as suas parcerias, alianças e conflitos em torno da sua identidade (limites) e alteridade (fronteiras) disciplinares, que podem ser visualizadas de acordo com os diferentes graus de relações entre disciplinas ou sob um olhar extradisciplinar.

Sempre respeitando a individualidade de cada uma dessas disciplinas, focalizamos a transversalidade do campo da informação — ao invés da interdisciplinaridade como um pressuposto simplista —, que promove (des)encontros teóricos que possibilitam relações profícuas entre os fazeres e saberes dos profissionais da informação frente aos desafios

contemporâneos da gestão, preservação e promoção do acesso a documentos, informações e conhecimentos.

Pesquisas internacionais já se dedicaram ao estudo das especificidades e das relações entre as disciplinas aqui estudadas e distintamente concebidas, como áreas da informação, ciências da informação etc. Esperamos que, a partir deste trabalho, outros o aprofundem na investigação das camadas epistemológicas dos dispositivos de institucionalização que individualizam e interligam as cinco disciplinas em questão, propiciando o reconhecimento das profissões de arquivista, bibliotecário, museólogo, documentalista e cientista da informação, seus encontros, além de suas potenciais e profícuas parcerias no exercício do direito à informação, à memória, ao esquecimento, à democracia, à liberdade, à igualdade e à inclusividade.

REFERÊNCIAS

- BERGER, G, 1972. Opinions et réalités. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherché dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 19-74.
- BOISOT, M., 1972. Discipline et disciplinarité. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherché dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 90-97.
- BOURDIEU, P., 2001. *Science de la science et réflexivité: Cours du Collège de France 2000-2001*. Paris: Raisons d'agir.
- BOURDIEU, P., 1983. O campo científico. Em: R. ORTIZ, *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, pp. 122-155.
- BOUTIER, J., J.-C. PASSERON, e J. REVEL, 2006. *Qu'est-ce qu'une discipline?* Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- CERI [CENTRE POUR LA RECHERCHE ET L'INNOVATION DANS L'ENSEIGNEMENT], 1972. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherché dans les universités*. Paris: OCDE.
- FOLLARI, R., 1982. *Interdisciplinariedad: los avatares de la ideologia*. Cidade do México: Casa abierta ao tiempo.
- GOMES, H. F., 2001. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delimitador de seu núcleo principal. *DataGramaZero* [Em linha], 2(4). [consult. 2023-11-20] Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7441>.
- HECKHAUSEN, H., 1972. Discipline et interdisciplinarité. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherché dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 83-90.
- JANTSCH, E., 1972. Vers l'interdisciplinarité et la transdisciplinarité dans l'enseignement et l'innovation. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherché dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 98-125.
- JAPIASSU, H., 1976. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.
- MARQUES, A. A. C., 2021. *Contribuições francesas para a institucionalização da Arquivologia brasileira* [Em linha]. Rio de Janeiro: IBCT [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1224>.
- MARQUES, A. A. C., 2011. *Interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil* [Em linha]. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8730>.
- MARQUES, A. A. C., 2007. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil* [Em linha]. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2979>.

- MICHAUD, G., 1972. Problèmes et solutions: conclusions générales. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 293-300.
- MORIN, E., 2005. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- PIAGET, J., 1972. L'epistemologie des relations interdisciplinaires. Em: CERI. *L'interdisciplinarité: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités*. Paris: OCDE, pp. 131-144.
- PINHEIRO, L. V. R., 1999. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. Em: L. V. R. PINHEIRO, org. *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília/Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, pp. 155-182.
- POMBO, O., H. M. GUIMARÃES, e T. LEVY, 1994. *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Ed. Texto.
- SILVA, A. M. et al., 1999. *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Ed. Afrontamento.
- TAYLOR, H., 1984. *Archival services and the concept of the user: a RAMP study*. Paris: Unesco.